

O SENTIDO DRAMÁTICO DA APRENDIZAGEM

Esther Pillar Grossi

"O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente."

Carlos Drummond de Andrade

Esta reinvenção permanente constitui o que chamamos aprendizagem. É a história fecunda da humanidade. A história de criar novas formas de viver, na busca de uma mais perfeita, que está longe de ser alcançada.

A aprendizagem implica o sujeito humano como um todo, na complexidade das múltiplas instâncias que o definem. Para aprender, construímos esquemas motores e esquemas perceptivos, assim como aprendemos uma língua para poder querer bem, para apreciar e construir o belo, para nos definir entre o bem e o mal, para explicar o mundo das coisas ou o mundo de dentro de nós, para estar bem com a vida. Isto é, há aprendizagens de linguagens, ~~como~~ assim como há aprendizagens de ação; há aprendizagens afetivas; ou éticas ou estéticas; existem aprendizagens lógicas e aprendizagens sociais. Evidentemente que estas caracterizações não significam classes distintas entre si, como se, por exemplo, uma aprendizagem afetiva não fosse toda envolvida na linguagem, na lógica, no social, no ético ou no estético.

Com estas caracterizações, queremos apenas aludir à composição das aprendizagens. Porque, todo ato de aprender tem variados ingredientes, sempre simultaneamente presentes, mas não na mesma proporção. Assim, para aprender uma relação matemática se necessita de desejo, de valorização social, de um certo tipo de linguagem com muita lógica. O ingrediente lógico, neste caso, é dominante, entra em maior proporção, sem de modo algum excluir os demais.

Por outro lado, há certas aprendizagens que constituem pano de fundo para todas as outras. São as explicações existenciais sobre nossas origens, nosso destino, nossas essências, nossa natureza, nosso modo de funcionar. Estas aprendizagens estão na base das demais, porque representam uma exigência fundamental para dar sentido ao drama das nossas vidas. Tratar-se das aprendizagens sobre a morte, a sexualidade, a agressividade, o amor, a liberdade, isto é, sobre as origens, as finalidades e os processos vitais. Elas são as mais difíceis e complicadas. E cada instituição tenta empurrá-la para outra.

A escola diz que isso é coisa para ser abordada pela família. A família diz que isso deve ser assumido pela Igreja ou pela escola. Todos se queixam sobre as nefastas influências da mídia a respeito destes aspectos na cabeça de crianças, adolescentes e jovens.

NO Painel intitulado "Sentido Dramático da Aprendizagem", o qual faz parte da Jornada de Estudos Pedagógicos que a SMED estará realizando nos dias 7, 8 e 9 próximos, este tema será abordado. E a sua abordagem será feita dia 8, às 19 horas, no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, por três eminentes especialistas que dispensam apresentação, a saber, Marta Suplicy, Frei Betto e Madalena Freire.

É uma contribuição da SMED para que educadores do Rio Grande do Sul reflitam sobre este assunto e assumam suas responsabilidades em um campo tão delicado e importante da aventura humana.

Instituto de Salud Colectiva
Universidad Nacional de Lanús



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

A PAIXÃO DE APRENDER

Esther Pillar Grossi

Aprender é "marca distintiva do ser humano, com relação aos animais. O homem não nasce sabendo como "ser". Ele precisa aprender a "ser" humano porque o seu instinto tem uma diferença essencial comparado ao dos animais. Estes nascem com um instinto dotado de forma e conteúdo, isto é, suas necessidades básicas podem ser encaminhadas e satisfeitas pelos seus recursos instintivos. Neste sentido, o animal é natural, se identifica com a natureza. O homem ao contrário é um ser de cultura, justamente porque a natureza não lhe basta. O homem para sê-lo precisa acrescentar à natureza elementos essenciais. Estes são relativos à sua capacidade de representar, de simbolizar, de se construir um inconsciente. E esta construção é tributária essencialmente das suas relações com outros homens. Nós só somos gente na nossa relação com os demais. É por isso que somos "geneticamente sociais".

O que trazemos nos nossos gens é a imperiosa relação com o outro desde antes de nascer, porque a razão do nosso verdadeiro nascimento como ser de cultura não está na união física de um casal, mas na representação desejosa que este casal tem a respeito daquele que gera.

Aprender a "ser" implica descobrir, interpretar e internalizar esta representação desejosa que nos gerou, inicialmente, assim como a representação desejosa que nos sustenta até morrer nas interrelações que estabelecemos na trama da nossa história da vida.

Aprender é portanto, uma paixão fundamental para o ser humano, mas aprender é subsidiário intrínseco do ensinar. Ninguém aprende se alguém não ensina. Só que neste contexto ensinar não é transmitir conhecimento pronto. Ensinar é ser catalizador para que a reação humana de aprendizagem se realize. E não há fórmula pronta sobre como ser este catalizador, porque o básico no processo de aprendizagem é a originalidade

....



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

da maneira como ele se dá. Deste modo, por mais que princípios gerais possam ser traçados a respeito do ensino, a aprendizagem exige que ele seja sempre algo impossível de já ser totalmente desvendado de antemão. É por isso que, ensinar implica numa permanente, contínua e renovada aprendizagem, e é neste sentido que a SMED, como coordenadora da escolaridade de 32.000 alunos tem o dever de oportunizar a seus profissionais de educação este espaço de aprender. A concretização deste dever só pode se dar através da criação de polos de confronto entre a teoria e a prática que provocam e sustentam a reflexão, sendo esta o motor da construção de conhecimentos.

Um destes polos pode e deve ser, em 1991, nossas Jornadas de Estudos. Mas não deve e nem pode ser exclusivo. A criação e efetivação da Biblioteca Técnica para os profissionais de educação de nossa Secretaria Municipal tem que ser um desses outros provocadores e sustentáculos de reflexão. Mas, as reuniões pedagógicas regulares nas escolas e que, sendo boas e adequadas, constituirão o espaço de expressão de nossas conquistas e de nossos questionamentos o qual deverá ainda ser ampliado através de circulação escrita ou falada, interna e externamente na rede onde cada um busque pronunciar a sua palavra, a respeito do seu processo de aprendizagem. Este se concretiza numa forma de ensinar, a qual, por sua vez volte a produzir aprendizagem, finalmente para o aluno que é o centro e a razão de nossos esforços e propostas.

Instituto de Salud Colectiva
Universidad Nacional de Lanús

Esther Pillar Grossi

Estamos vivendo um momento singular no campo do ensino-aprendizagem. Trata-se de um momento que aponta nitidamente para uma nova direção, para um novo horizonte no universo escolar. Sonhamos e trabalhamos para que, o mais cedo possível, essas transformações, extremamente necessárias e desejadas. A escola é a instituição que tem o papel primordial de propiciar a construção de saber e conhecimento principalmente para crianças, adolescentes e jovens, instrumentando-os para viverem adequadamente no mundo do trabalho, da cultura e da ciência. É promissor o aumento significativo de compreensão sobre como se aprende. Como alguém que não sabia antes passa a saber. Esta compreensão se dá pela confluência de contribuições de muitas ciências, as quais permitem a explicitação de uma nova síntese, substitutiva da que foi realizada pelos sábios da Grécia, há mais de 2.000 anos. Dentre estas contribuições figura em 1º lugar a de Piaget sobre como o pensamento funciona. Ele nos ensina que a inteligência não recebe estímulos prontos vindos de fora, mas que elabora internamente, de uma maneira muito peculiar, os desafios que enfrenta no trato diário com problemas concretos. E Piaget mostrou que essa elaboração interna não se dá a nível consciente, o que revoluciona todas as nossas concepções sobre ensino-aprendizagem, exigindo uma nova organização nas propostas didáticas. Esta nova organização inclui os vínculos reais entre inteligência e desejo, entre razão e paixão, desesterilizando o ensino da concepção corrente de que prazer e sexualidade nada tem a ver com a sala de aula.

Um outro cientista, colaborador eminente nesta área de aprendizagem, foi Henry Wallon, médico e psicólogo francês, contemporâneo de Piaget. Wallon disse entre outras coisas que "somos geneticamente sociais" e com isso ele introduziu essencialmente a interação social na aprendizagem, colocando-nos em um outro registro a respeito da organização das relações entre o diretor e seus professores, entre professor e alunos, entre alunos, entre alunos e o contexto escolar e social e entre a escola e a comunidade.

E aqui entra Paulo Freire. Ele propõe uma fusão entre estas duas contribuições. Paulo Freire mostra que o ensino, portanto, só

se faz ligando a existência à idéia, a escola à vida de quem aprende, inclusive na sua dimensão social e política. Só se aprende se o que se aprende faz sentido para o aluno. E com isso ele introduz uma faceta válida para qualquer escola. Mas especialmente ele aponta para uma exigência e para uma esperança que diz respeito particularmente aos alunos oriundos de famílias de classes populares. O ensino para eles tem que ser redimensionado à luz dos seus valores e de suas vivências, sem o que eles permanecerão marginalizados do ensino escolar que até agora vem sendo veiculado.

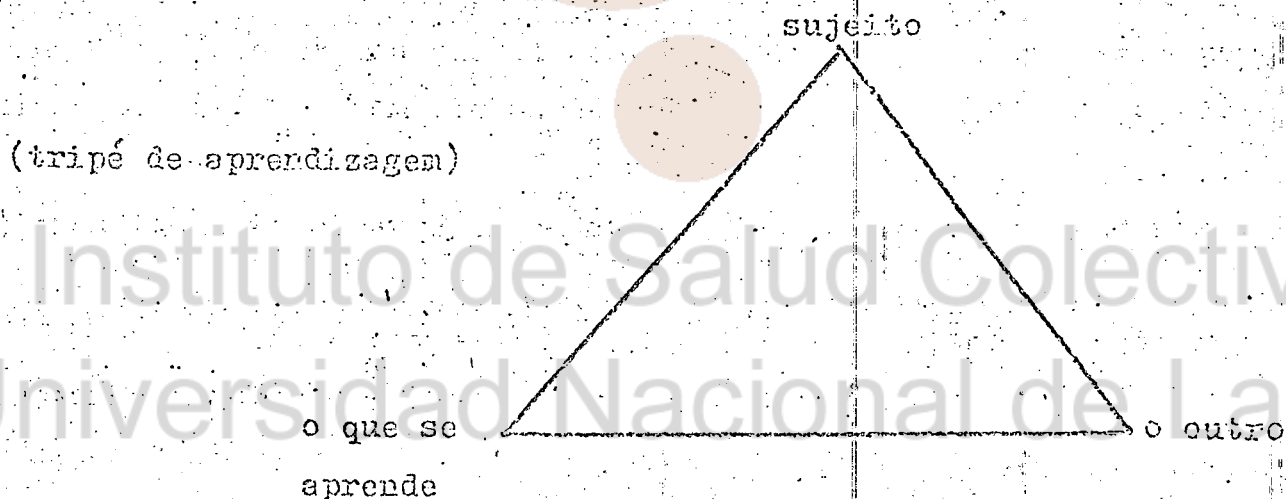
Se os educadores se embeberem destas novas contribuições, o Brasil viverá certamente outra era. Os milhões de seus filhos que conseguem entrar na escola, nela terão sucesso. Estes demonstrarão praticamente aos outros milhões que ainda estão fora, de que vale a pena nela ingressar. A escola só assim passará a ser democrática porque dará o poder do saber realmente a todos os brasileiros.

Esta maneira peculiar desacredita a instrução bancária que imagina a aprendizagem com o acréscimo linear, por pedacinhos de novos conhecimentos. Piaget exhaustivamente, em mais de 50 anos de trabalho sério, demonstra que o pensamento se estrutura por níveis sequencialmente encaixados e dialeticamente perpassados por conflitos.

Para que isso aconteça é preciso investir realmente em educação. Priorizar as suas necessidades. Desde as materiais, que incluem a merenda até as que dizem respeito à democratização do ensino. No bojo desta está a da efetiva "universalização da aprendizagem", a qual perpassa uma urgente atualização pedagógica. Os educadores tem que ter contato e dialogar com as novas contribuições a respeito de como é que se aprende. Não se pode esperar que eles as descubram sozinhos a partir somente de sua prática, como se precisássemos, cada um de nós, reinventar a roda. A informação atual e moderna precisa circular e os educadores precisam se sentir participantes da construção de uma proposta didática condizente com nosso século, tanto do ponto de vista cultural, como político. E neste mesmo rumo que se dirigem com entusiasmo e vigor os esforços da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

Esther Pillar Grossi

Três nomes ilustres, no mundo, hoje. São ilustres por que contribuem para explicar como o ser humano aprende, sendo a aprendizagem uma marca distintiva do bicho-homem. Todos os outros animais já nascem com as condições de sobrevivência inscritas nos seus genes; isto é, seu instinto tem forma e tem conteúdo. Uma abelha não precisa aprender como fazer, nem o mel, nem o favo. Um João-de-Barro também não necessita aprender de ninguém como construir sua linda casa. Só o homem precisa tudo aprender, porque o seu instinto, munido somente de forma, não lhe basta. Quer dizer, nascer com a potencialidade de para se comunicar não o exime do esforço de aprender uma língua, para efetivamente se expressar ou interpretar o que os outros comunicam. Repetimos, o homem precisa aprender tudo. Não é nem verdade que seu mero desenvolvimento físico lhe garantirá habilidades como sentar ou caminhar. Sara Pain afirma, explicando as bases de nossas aprendizagens, que nenhuma criança descobrirá suas próprias mãos se um adulto não tivesse movimentado as suas, aos olhos do bebê. Sabe-se bem que os meninos-lobos não falavam e nem caminhavam como o ser humano, pela ausência do contato ensaiante de outros seres humanos. Aprender repousa sobre um tripé essencial, construído pelo sujeito que aprende, por aquilo que ele aprende (o objeto do conhecido, digo conhecimento) e pelo outro.



Estas idéias já são fruto da contribuição de Piaget, de Emília Ferreiro e de Paulo Freire, entre tantos outros pensadores que refletiram ou vem refletindo sobre o que é aprender e, como contrapartida, sobre o que é ensinar. Todos os três são pensadores da educação, cada um em campo próprio e diferente, não todos eles educadores.

Por exemplo, Piaget foi um psicólogo da inteligência. Mais precisamente ele fez psicologia da inteligência em seus termos mais gerais. Ele traçou as grandes linhas de como é que se pensa. Foi estudou, conforme suas inumeráveis afirmações, o sujeito epistêmico, isto é, o sujeito da inteligência. Esta é uma das restrições a ele imputada. Precisamente, ele não abordou o desenvolvimento bio-psíquico. Piaget isolou, não só o psíquico do biológico, como também, no psíquico, ele isolou o pensante do desajante. Isto sem falar no completo ignorar dos aspectos sociais da aprendizagem. Com isto, não estamos renegando as idéias de Piaget, nem toda sua valiosa contribuição científica que indiscutivelmente está revolucionando o mundo. Estamos porém, circunscrevendo o seu alcance, explicitando seus limites para que a sua contribuição possa ser completamente por aportes de vários outros campos do conhecimento.

Por outro lado, mesmo na área das aplicações científicas sobre a construção da inteligência, Piaget foi bem preciso. Ele foi um epistemólogo dos grandes princípios. Em 1979, quando estagiava em Genebra, encaminhei por meu Diretor de Tese, Prof. Gérard Vergnaud tive a oportunidade de ouvir do próprio Piaget, de que se alguém dissesse que tinha uma escola piagetiana, não merecia crédito. Isto porque, disse Piaget, "Só com minhas descobertas, ninguém atinge o aluno. Eu não sou um educador. Não faço nem pedagogia nem didática. Minhas idéias podem inspirar e embasar uma atuação escolar, mas não podem fundá-la."

A Escola Chave de Tamarão, no Rio de Janeiro pode ser um exemplo de escola que tenta usar Piaget diretamente, arcando com os perigos deste equívoco.

Num seminário Internacional que o homenageou por seus 60 anos, Piaget fez um apelo para que se fizesse a aplicação de suas teorias a campos específicos de conteúdos do ensino, porque, afirmava ele, nesta ocasião, "eu não o fiz".

Emília Ferreira, atendeu a voz do mestre e aplicou as idéias dele no campo específico da alfabetização, fazendo descobertas absolutamente fantásticas. Importante é ressaltar que as idéias de Emília Ferreira não contribuem para desinibir o aluno no falar. Além, Emília só tratou, e muito bem, da linguagem escrita. Mais precisamente Emília Ferreira desvendou a caminhada singular que percorre alguém que se apropria do básico sobre a escrita. Porém a validade de suas teorias já vem inspirando a continuidade destes estudos os quais permitirão sua aplicação na escola de 1º Grau.

O gráfico a seguir representa este escala em base de sala de aula, nos aspectos inteligentes relativos a alfabetização. Os dois primeiros degraus se referem às contribuições de psicologia genética e de psicogênese do conteúdo, e o 3º aplicou em sala de aula.

Didática construtivista
da alfabetização

Níveis psicogenéticos da
aprendizagem da leitura e
da escrita

estádios do desenvolvi-
mento cognitivo e princí-
pios gerais da construção
da inteligência

A construção de uma proposta didático-pedagógica, entretanto, não pode considerar somente os aspectos epistemológicos do sujeito que aprende, sobre os quais Piaget trabalhou. Precisa, sim, integrá-los com os aspectos desajustes e, muito especialmente, com os aspectos corporais, realizando só então uma síntese bio-psíquica. Tão te, por sua vez, é essencialmente tributária da dimensão social, pois que somos "geneticamente sociais" na nossa constituição neural de sujeitos.

É a dimensão social tem várias óticas, vários enfoques
várias intensidades. ^{Concordar com} ~~Sucesso~~ a visão individualista do ser humano
na aprendizagem, imaginando-o capaz de, sozinho, alcançar os conteúdos

que quer explicar, ser eficiente e capaz de fazê-lo. É um
como o amor, porém, a incorporação da influência do outro no ato
de aprender tem um enorme variação de escala. Esta vai desde a
respectiva de um social calcado no outro (próximo, temporal e es-
pecialmente) que só inclui uma classe e se restringe à dimensão e-
fetiva, até a visão grande da pertinência à comunidade da pátria ou
à de toda a humanidade. Esta visão grande configure a experiência
de cidadania, trespassada hoje pela consciência de classe e pelo
compromisso de reversão deste estado de injustiça, consequência da
dominação de uma sobre a outra. É aqui entre Paulo Freire.

Portanto, o centro da influência de Paulo Freire co-
mo ideólogo e realizador em educação não está em um método de alfa-
betização, mais especialmente para adultos. A força das idéias e da
presença de Paulo Freire neste campo, está na dimensão sócio-políti-
co que ele define e busca imprimir na educação. Sua afirmação de
que a educação é sempre um ato político desmascara a falsa neutrali-
dade dos que desvinculam a escola da questão das classes sociais e
a esterilizam das questões essenciais da sociedade e do ser humano
que são os valores políticos e a ética.

Por outro lado, abordar a questão básica das injusti-
ças de classesocial na educação, não advogar para as classes popu-
lares uma exigência menor do que para a escola como um todo. É pro-
pugnar, sim, pela verdadeira democratização da generalização da cons-
trução dos instrumentos de pensamentos, através dos conhecimentos que
só a escola tem condições de propiciar. Entretanto estes conhecimen-
tos tem que estar embebidos na conscientização essencial a respeito
das graves injustiças perpetradas contra uma parcela enorme de socie-
dade. Trata-se de propugnar como parte integrante desta conscienti-
zação a criação de condições para que ela se operacionalize, não é
apropriar-se realmente do poder afetivo que conhecimentos e saberes
tem para a transformação do mundo. Isto porque conhecimentos e sa-
beres construídos verdadeiramente, constituem o alicerce da consciên-
cia de classe, somente possível na medida em que indivíduos são
substituídos por sujeitos históricos. É nesta linha que se situa a
contribuição inestimável de Paulo Freire na educação.



JORNADA DE ESTUDOS DIDÁTICOS

A Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre dentro do seu objetivo central de produzir ensino de qualidade ao seu alunado das 52 escolas da rede pública do município (incluindo as Escolas Infantis) realiza no 1º semestre do ano letivo de 1991 a primeira etapa de duas Jornadas de Estudos Pedagógicos e Didáticos.

A Jornada de Estudos Pedagógicos teve lugar nos dias 7, 8 e 9 de março corrente e pode ser sintetizada pelo seu painel central intitulado "O Sentido Dramático da Aprendizagem". Nele se focalizou os seguintes três aspectos pedagógicos essenciais: a religiosidade, a sexualidade e os conflitos existenciais marcados pela dialética da morte e da vida, entre o nascer e o morrer. Estes temas foram abordados respectivamente por Frei Beto, Marta Suplicy e Madalena Freire.

Ao promover a Jornada de Estudos Didáticos no mês de maio a SMED espera clarear ainda melhor o sentido e o alcance da esfera pedagógica no ensino-aprendizagem, na sua mais profunda interação com a esfera didática.

A didática foi definida por Hans Aebli, colaborador de Piaget nos anos 50 como uma ciência auxiliar da pedagogia, a qual se ocupa de como levar o aluno a adquirir tal noção, tal operação ou tal técnica de trabalho. Isto é, a didática se ocupa dos problemas relativos à vivência de alguém que não sabe ou não conhece algo e que passa a sabê-la ou conhecê-la.

A pedagogia trata de algo mais amplo e ao mesmo tempo mais profundo que é a conversão de saber em conhecimento e de conhecimento em saber, isto é, da fusão das duas características de toda a aprendizagem que são a sua sistematização e a sua capacidade de acréscimo de ser ao sujeito, modificando-o porque aprendeu.

A pedagogia dá conta da criação de condições de sínteses humanizantes ou não para as aprendizagens, enquanto a didática



ca produz a matéria prima que vai ser elaborada pela pedagogia. Ambas são absoluta e intrinsecamente interligadas e interdependentes.

Qual é a matéria prima que a didática produz? os saberes e conhecimentos. Definimo-los a partir do que é aprender.

Aprender é encontrar uma explicação ou uma forma de agir sobre um problema. Problema é entendido como algo de que necessitamos, alguma coisa que nos falta. Aprender, portanto tem dois componentes básicos que são a linguagem e a ação. O tipo de aprendizagem que está mais vinculado à ação é o saber, enquanto o conhecimento está mais próximo da linguagem, mais explicitadamente da palavra. O saber portanto tem mais a ver com a prática e o conhecimento mais com a teoria. O saber é mais imediato, o conhecimento mais elaborado, do ponto de vista lógico. Entretanto, o saber está mais próximo das áreas afetivas, das instâncias energéticas da pessoa, das forças da paixão do sujeito. Por isso, o saber é capaz de levar a pessoa a se transformar, a modificar sua maneira de ser, tem a força de mudar.

É importante salientar que a distinção entre saber e conhecimento se assemelha à distinção que se faz entre as produções dos sistemas respiratório e digestivo nas ciências biológicas. Estes dois sistemas tem funções diferentes, mais absolutamente interligados para produzir a vida do indivíduo. Quando se as considera em separado está se fazendo apenas um exercício intelectual abstrato e hipotético com vistas a compreender melhor para produzir um resultado final mais adequado para o ser humano. Puxar a brasa para a sardinha de um ou de outro, disputando maior importância ou precedência de um deles não tem nenhum sentido prático. Trata-se, isto sim, de jamais perder de vista seu acoplamento na produção de vida, mas sabendo que em nível de explicação teórica pode e deve ser aprofundado seu estudo em separado, tanto que constitui especialidades e ramos distintos da medicina, os quais muito servem ao bem estar dos pacientes. Aliás, o uso da palavra pacientes alude a um fato elucidativo. "Paciente" é aquele que vivencia "um tempo de sofrimento" (Sara Pain), um estado de doença. Uma das características do estado de doença é a compartimentalização daquilo que devia estar integrado. Quando um organismo está funcionando do bem nem se quer se nos ocorre pensar separadamente órgãos do corpo e nem se os vislumbraria em particular se só tivéssemos saúde perfeita. A ocorrência da doença como alternância dialética no equilíbrio que resulta na saúde conduz necessariamente às distinções que aludimos.



Em aprendizagem dá-se o mesmo fenômeno. Quando alguém aprende sem problemas nem se vislumbra distinção entre saber e conhecimento. Entretanto, os problemas de aprendizagem se alternam diuturnamente com os seus efeitos positivos. E o melhor partido que podemos tirar deles é a compreensão mais acurada da própria aprendizagem. Aliás as contribuições científicas mais representativas historicamente na área de educação sempre se construíram a partir de alunos com dificuldades de aprendizagem. São exemplos flagrantes disso os aportes de Maria Montessori, Pestalozzi e Wallon, entre muitos outros.

O corajoso enfrentar das "dificuldades de aprendizagem" dos alunos e em particular dos alunos de classes populares hoje, pode ser uma mola propulsora para o avanço na compreensão do funcionamento da aprendizagem. Encaixa-se nesta direção a distinção entre saber e conhecimento que empreendemos agora.

E com este espírito e com este intuito que prosseguimos no aprofundamento desta distinção. O saber é fruto de uma aprendizagem ligada ao sentido, a valores, ao significado das ações do sujeito, o qual por sua vez induz a novas ações. Por mexer com as forças interiores do sujeito o saber tem que ser eminentemente pessoal. Ele só extrapola o individual na medida em que ele interage com o conhecimento. O conhecimento é social porque só existe quando é validado por um grupo, quando a sua lógica é reconhecida por uma instância sócio-cultural. Não existe conhecimento de uma só pessoa, porque somos geneticamente sociais. Quanto mais ampla e vasta for esta instância mais aumenta a universalidade de um conhecimento e seu peso, como contribuição valiosa num determinado tempo e lugar para explicar a realidade. Um conhecimento, para ter existência precisa ter suportado o crivo da crítica inteligente do maior número daqueles que tem autoridade na sua área, num momento histórico. Senão ele é um saber. Entretanto, um conhecimento pode não ter nenhuma força de tocar os centros emocionais da pessoa e permanecer

fria como agente de mudança do mundo. E justamente aprendemos para transformar o mundo uma vez que na linguagem de Helio Pellegrino, "o ser humano é o ser para o qual o mundo, tal como está, não basta." Pode-se concluir daí que saber e conhecimento são dois produtos de aprendizagem que necessitam se complementar, se completar. Eles são a matéria



prima da aprendizagem e se não forem interrelacionadas deparamo-nos com as aberrações de um ensino descolado da vida, inútil ou até atuando em sentido contrário daquilo que na expressão de Aulagnier seria uma meta digna de seres desejantes, inteligentes e sociais—"fazer do mundo um lugar onde o prazer seja possível".

A busca desse ponto de articulação entre saber e conhecimento é difícil e delicada, sobretudo no momento atual em que as aprendizagens são desconjuntadas e esfaceladas.

Aprende-se matemática separado de português, tem-se orientação sexual paralelamente (no sentido da geometria euclidiana, retas que nunca se encontram) as aulas de religião, estudam-se as ciências naturais desvinculadas de ciências sociais e haja esforço dos alunos para relacionar cada coisa com a outra, para estruturar tudo isto num só sistema, para que cada elemento esteja a serviço do conjunto.

A didática corresponderia uma caminhada para as especialidades, ou seja ela se preocupa como o aluno pode aprender cada disciplina e a pedagogia corresponderia o esforço da clínica geral que se preocupa com as sínteses entre as diversas aprendizagens-especializadas.

Por esta razão, a Jornada de Estudos Didáticos está constituída de 17 cursos, a saber:

Cursos de Matemática

- para as Escolas Infantis
- de 1ª a 4ª série
- de 5ª a 8ª série
- para o 2º grau

Cursos de Alfabetização

- para as Escolas Infantis
- para as 1ªs séries
- para os adultos
- para as classes especiais



Curso de Língua Portuguesa e Literatura

Curso de Ciências Naturais

Curso de Ciências Sociais

Curso de Educação Física

Curso de Música

Curso de Teatro

Curso de Linguagens Estéticas

Curso sobre Supervisão Educacional

Curso sobre Orientação Educacional

A Jornada de Estudos Didáticos acontecerá nos dias 09, 10 e 11 de maio com estrutura semelhante à Jornada de Estudos Pedagógicos, na Reitoria da UFRGS, Faculdades da Universidade Federal e outros locais, nos mesmos horários, com a mesma duração de cursos. Também terá um grande painel inicial cujo o título provisório poderá ser: SENTIDO LÓGICO DA APRENDIZAGEM. Com a participação de Terezinha Carraher, Graciela Ricco e Esther Pillar Grossi.

Instituto de Salud Colectiva
Universidad Nacional de Lanús